

FAUSTINO, M.; RYAN, B.; FERRARO, G. (org.) **Rostos do Si: autobiografia, Confissão, Terapia**. Lisboa: Livros Vendaval, 2019. 359p.

Hailton Felipe Guiomarino¹

Numa sala de espelhos circense, nossa imagem sofre constantes transformações a depender da natureza física dos espelhos, de nossa posição em relação a eles e da angulação de incidência da luz sobre nós. A cada passo dado, nosso rosto se altera. Obtuso, arredonda-se na extremidade; estica-se desproporcionalmente num agudo pontiagudo; multiplica-se fractalmente; dissolve-se; refrata-se em imagem da imagem da imagem; por fim, espelha-se talqualmente fiel duplo traço a traço. Estamos em um jogo ilusionista, onde tudo é imagem. Mesmo o caminho livre de espelhos, por comparação, é imagem. Não distendida, não deformada, não distorcida, mas imagem. Paradoxalmente, então, os mesmos reflexos que nos confundem servem também para nossa orientação espacial. Nosso rosto multiespelhado nos dá negativamente o indicativo do caminho a seguir. Passo em frente. Sempre de novo, então em nova posição, temos outro rosto em outro espelho. Com certa concessão, o passeio pelas labirínticas salas de espelhos circenses poderia servir como fórmula para descrever a experiência filosófica do livro “Rostos do Si: Autobiografia, Confissão, Terapia”.

Publicado pela editora Livros Vendaval, de Lisboa, sob organização de Marta Faustino, Bartholomew Ryan e Gianfranco Ferraro, o livro “Rostos do Si: Autobiografia, Confissão, Terapia” compila, em artigos, a rica discussão ensejada no colóquio internacional homônimo, organizado em 2016, pelo Instituto de Filosofia da Nova no Centro Nacional de Cultura em Portugal. Sua premissa basilar é a relação intrínseca entre o ato de mostrar a si mesmo e um cuidado ou cura de si implicados nesse ato. O si-mesmo é, então, situado entre um *poiein* e um *therapeuein*. Consequência disso: o que se chama “si-mesmo” não é algo dado e acabado. Faz-se e refaz-se. Só existe ali, no movimento de criar-se a si próprio pelo cuidar, atender e curar a si próprio. A metáfora especular circense empregada acima é, aqui, novamente oportuna. Está-se falando de uma dinâmica ambivalente e enigmática entre verdade e mentira, encobrimento e revelação, máscara e desmascaramento, pela qual se produz a pluralidade do sujeito. Partindo desse pano de fundo, o livro aborda a complexa trama conceitual que envolve as ideias de rosto, si, pluralidade, subjetividade, revelação, autobiografia, confissão e terapia em diálogos transdisciplinares entre filosofia, psicanálise

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba, PR, Brasil. E-mail: hailton_50@hotmail.com.

literatura, cinema, pintura, fotografia e dança. Com esse amplo escopo, trata-se de uma publicação tempestiva, no sentido mais profícuo da palavra, uma vez que o século XX assiste a proliferação de uma diversidade discursiva e poética sobre os modos de narrar e trabalhar o si, a exemplo das quais poderíamos citar a clínica psicanalítica, as literaturas de testemunho, a autoficção e as pesquisas foucaultianas sobre o cuidado de si. Dessa maneira, “Rostos do Si: Autobiografia, Confissão, Terapia” fornece ao leitor um apanhado teórico multiperspectivístico para acompanhar um tema bastante atual. Passeemos, então, à guisa de apresentação, pela sala de espelhos do si contemporâneo.

O ensaio de abertura intitula-se “*Eu, onde?*” e é de autoria de Silvana Rodrigues Lopes. O apelo situacional do título indica que a autorreferencialidade não basta a si mesma, mas precisa de um referente externo para se pensar. Em termos histórico-filosóficos: se a modernidade construiu, inicialmente, uma ideia de sujeito estável enquanto síntese nos limites da consciência autorreflexiva, autores como Paul Ricouer e Levinas, posteriormente, mostram que o sujeito excede em muito a mera função representacional. Seguindo essa linha crítica, Silvana Lopes mobiliza o poema de T. S. Eliot, “East Coker”, e o conto “Invocação a Jano”, de Augustina Bessa-Luís, e desenvolve uma argumentação a respeito da desapropriação do sujeito enquanto afirmação do si, haja vista que tal movimento possibilita a produção e individuação irrepresentáveis. Seu objetivo é mostrar que a existência, enquanto subjetivação, constrói-se na distância aberta em relação às pré-determinações formais e gerais das ideias de sujeito, pois o si é uma fonte de inquietação sem limites.

A interseção entre filosofia e arte não é gratuita. Ela concerne à questão central: que tipo de verdade se constrói quando o si desenha um rosto sobre si mesmo? Ilustra, assim, a grande relação móvel entre verdade e *poiesis*. Nesse sentido, prepara o tom da discussão que se desenvolverá ao longo do livro: movimento e pluralidade delineiam os inconstantes rostos disso que se chama “si”. Os quinze artigos – quinze espelhos – que constituem o bojo do livro, mais que refletir essa dinâmica, refratam o si em três eixos: “Encontros, Usos, Expressões”, “Encenações, Narrativas, Representações” e “Deslocações, Desvios, Revelações”.

O primeiro eixo se vale dos trabalhos de Foucault, Deleuze, Agamben e Pierre Hadot a fim de dar conta dos processos de identificação e constituição do si implicados na confissão (Carla Benedetti), na narrativa autobiográfica (Gianfranco Ferraro), nos efeitos terapêuticos de ambas as práticas (Marta Faustino) e, mais contemporaneamente, na clínica psicanalítica (João Mendes Ferreira; Marília Muylaert). Interligando os cinco artigos está a relação entre

verdade e identidade, desdobrada nos problemas éticos, políticos e epistêmicos daquela verdade que determina a identidade de um sujeito.

Discutindo, já por sua vez, o estatuto da escrita autobiográfica, o segundo eixo conta com um conjunto heterogêneo de referenciais teóricos: de Nietzsche (Maria João Branco; Antonio Edmilson Paschoal) à filosofia da mente (Giuseppe Feola), passando pela fenomenologia de Heidegger (Hélder Telo) e Merleau-Ponty (Luís de Sousa). Os artigos aqui reunidos refletem sobre o estatuto da autobiografia em suas facetas representativas, cênicas e expressivas, com vistas a explicitar seu papel na constituição de um si. A escrita e a memória ocupam, aqui, lugar de destaque nas inspeções sobre a possibilidade de autoconhecimento, autoexpressão e autopoiesis do si.

Os artigos do terceiro eixo abordam as distintas expressões artísticas do si na literatura (Bartholomew Ryan; Stephen Mulhall), na fotografia (Arianna Lodeserto; Nélio Conceição) e na dança (Ana Mira). Se, nos dois eixos anteriores, o olhar estava focado no geral, isto é, nas configurações históricas e nas premissas teóricas do trabalho do si sobre ele mesmo, neste eixo, por sua vez, o leitor é convidado a estreitar o olhar e acompanhar vidas muito particulares trabalhando sobre si mesmas. De modo privilegiado, pode-se flagrar, neste conjunto de artigos, como o uso autobiográfico do si se desdobra num uso plasmográfico do si, em que a arte dá à vida a dádiva do movimento sobre si mesma.

Ao despedir-se do livro, o leitor encontra uma conversa transcrita dos organizadores da obra com a escritora e filósofa Maria Filomena Molder acerca do tema “cair em si e deixar cair”. A ideia de uma queda em si implica a “descoberta de que se está vivo”. Nessa medida, é uma “salvaguarda ético-moral” pela qual alguém se volta sobre si mesmo. Para elaborar as implicações de tal conceito, Filomena Molder passeia por referências como Platão, Arendt, Broch, Nietzsche, Rosenzweig, as tragédias gregas e o épico de Gilgamesh em um movimento que ensaia três rostos do cair em si: primeiro, acompanhando a *Autobiografia psíquica*, de Hermann Broch, Filomena explicita como o cair em si da e na vida revela uma névoa onírica, a qual, após a “queda”, convém retirar para se renovar os vínculos e se perceber como vivente; em seguida, a partir do teatro grego, aborda o cair em si de um povo ou de uma cultura, no qual esta pode ver a si própria, por exemplo, em ocaso; por fim, um terceiro rosto em Franz Rosenzweig, em quem Filomena Molder identifica o cair em si individual. Aqui, a filósofa sustenta que a reflexão metaética sobre a condução de uma vida só é possível na poética, isto é, não pelo conceito, mas pela imagem e pelo canto. Somente, portanto, pelo cair em si é que é possível, para Filomena Molder, a determinação da forma do si. Daí a importância de deixar cair.

Após transpormos o “*Exit*” do livro, o que fica da leitura dos artigos e ensaios é mais ou menos similar ao que fica daquelas refrações especulares circenses no olhar novamente aclimatado ao lado de fora. Não importando as imagens vistas, elas se desenharam e se fizeram possíveis por uma óptica muito material que rege os espelhos. *Mutatis mutandis*, sobressai, então, quanto ao si, certa materialidade ou concretude nas práticas de sua constituição ou na necessidade de sua transformação. O título da coletânea de artigos não podia, portanto, ser mais acertado. “Rostos *do* si” – porque o si se faz sempre particularmente determinado em meio à vida. São rostos identificáveis, impregnados de experiência vivida e que de modo algum pré-existem *a priori* em uma categoria abstratamente formal, a que se poderia chamar de “Rostos *de* si”.

Nesse sentido, é frutífero ler os artigos reunidos no livro levando em conta que foram escritos por viventes, refletindo sobre ideias e experimentos de outros viventes, os quais, por sua vez, elaboraram um discurso sobre o si em meio à vida. É toda uma rede de inter-remissões bifrontes e infindáveis que se desenha com isso. O livro fornece, desse modo, uma rica amostra das possibilidades de abordagem filosófica da vida sobre si mesma, sem que uma possa valer como correta ou mais acertada que outra. Pois não há uma essência do si a partir da qual se poderia medir a verdade ou a falsidade do que é feito de um si particular. O que se inscreve em meio à vida – parafraseando Malraux – não é nem verdadeiro, nem falso, mas vivido. Tão somente vivido.